

## MEDIDAS DE ESTÍMULO AO CONSUMO DEVERÃO AQUECER VENDAS NO RAMO DE VESTUÁRIO

*Apesar da menor inflação de itens de vestuário em 20 anos, vendas do segmento têm apresentado dificuldade em reagir. CNC projeta impacto positivo de R\$ 3,3 bilhões em decorrência dos programas de saques nas contas do FGTS e do PIS/Pasep neste ano.*

O volume de vendas do segmento de vestuário, calçados e acessórios seguiu na contramão do varejo no primeiro semestre de 2019. De acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de janeiro a junho, esse ramo do comércio varejista apresentou queda de 0,4% no volume de vendas, em relação ao mesmo período do ano passado, ficando à frente somente dos segmentos de livrarias em papelarias (-27,0%) e de móveis e eletrodomésticos (-1,1%). Na média, os dez segmentos que integram o comércio varejista apresentaram variação de +3,2% no período.

**Quadro I**  
**Volume de Vendas Segundo Segmentos do Varejo no 1º Semestre de 2019**  
(Variações % em relação ao mesmo período de 2018)

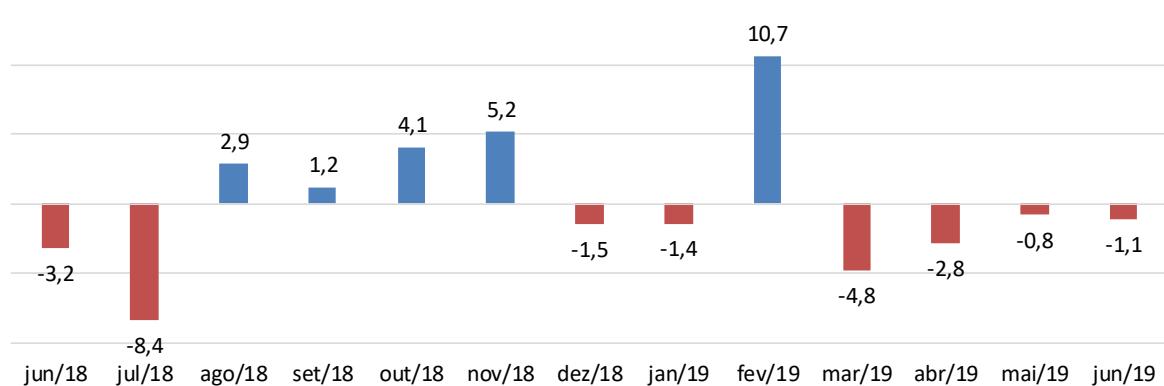
Segmento	Var%
Veículos, motocicletas, partes e peças	11,0
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	6,2
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	4,4
Material de construção	3,8
<b>Varejo Ampliado</b>	<b>3,2</b>
Combustíveis e lubrificantes	-0,1
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,1
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-0,3
<b>Tecidos, vestuário e calçados</b>	<b>-0,4</b>
Móveis e eletrodomésticos	-1,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	-27,0

*Fonte: IBGE*

Embora, na comparação com o mês anterior, o volume de vendas tenha aumentado 1,8% em maio e 1,5% em junho, essas altas não foram suficientes para compensar a retração de 4,7%, ocorrida em abril deste ano.

Em pleno inverno, as lojas desse ramo, que responde por 8% das vendas anuais do varejo brasileiro e por 13% dos empregos no comércio varejista, acumularam seguidas retrações no faturamento real em relação ao mesmo período de 2018.

**Quadro II**  
**Volume de Vendas do Segmento de Vestuário**  
*(Variações % em relação ao mesmo mês do ano anterior)*

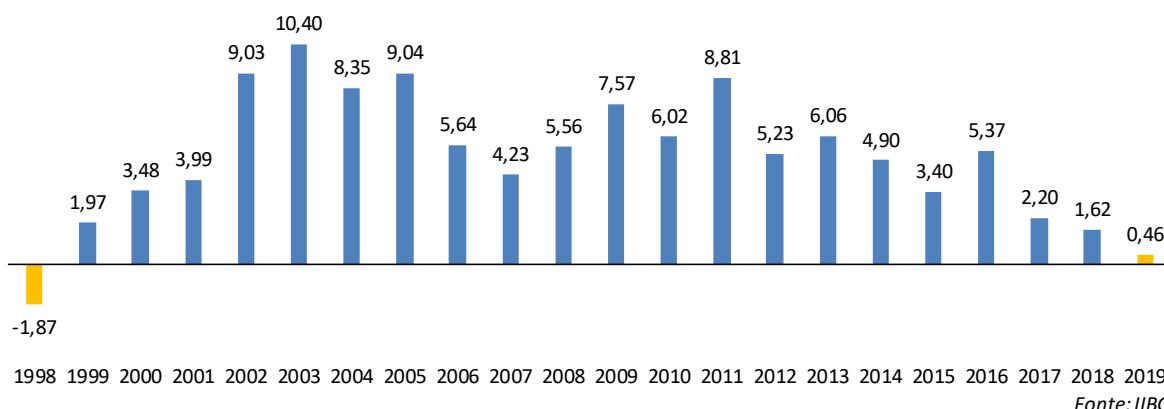


Fonte: IBGE

De acordo com cálculos da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), historicamente, esse segmento do varejo costuma apresentar uma movimentação financeira cerca de 15,3% maior<sup>1</sup> nos meses de maio, junho e julho, em comparação ao faturamento habitual. Em 2019, entretanto, esse impulso sazonal tem sido menor (+8,4%).

Outro termômetro que evidencia a fraca demanda por esses produtos é a inflação. Nos últimos doze meses encerrados em julho, os preços médios de itens de vestuário computados através do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) apontam para uma variação de +0,46%. Essa é a menor taxa de inflação para meses de julho desse grupo de produtos desde 1998 (-1,87%).

**Quadro III**  
**Variações dos Preços Médios dos Itens de Vestuário Segundo o IPCA**  
*(Var. % acumuladas em 12 meses)*



Fonte: IBGE

<sup>1</sup> Na série sem ajuste sazonal.

Dos 29 itens de vestuário pesquisados mensalmente pelo IBGE, 27 registram variações menores do que o IPCA. Destes, 10 apresentam recuo de preços nos últimos 12 meses. Destacam-se as quedas nos preços de bolsas (-3,85%), agasalho feminino (-3,60%) e terno (-3,29%).

O crédito caro e a inércia no mercado de trabalho têm inibido o processo de recuperação das vendas com reflexos também na demanda por trabalhadores, por parte desse ramo do varejo. Nos doze meses encerrados em junho, o segmento de vestuário foi o que mais fechou postos formais de trabalho no varejo (-10,1 mil, o equivalente a 1,1% da sua força de trabalho).

No entanto, a tendência para os próximos meses é de que o setor apresente algum fôlego para os varejistas do setor. A disponibilização de recursos através dos saques nas contas do PIS/Pasep e, principalmente, do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) deverá impulsionar as vendas a partir de setembro.

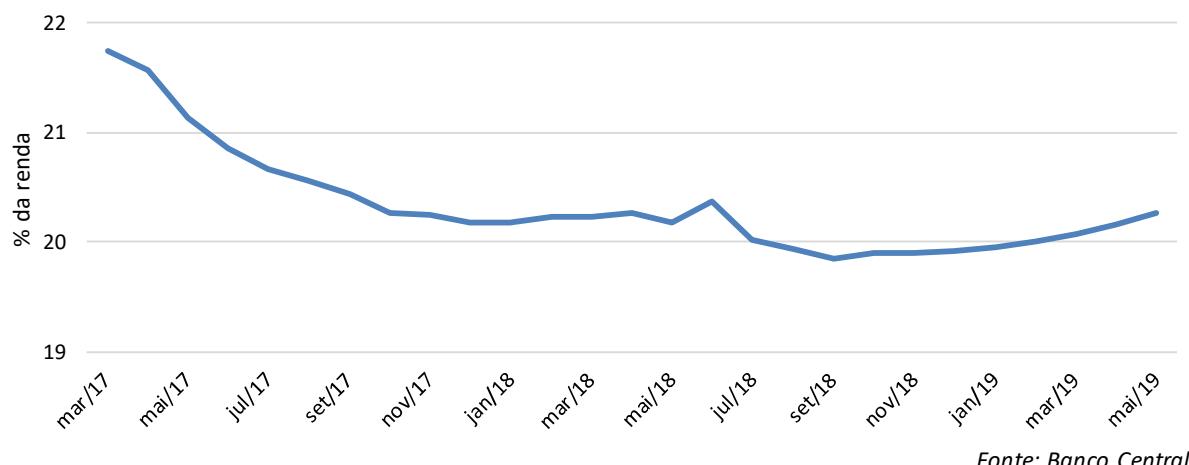
Embora a adoção desses programas de saques não garanta resultados duradouros, a resposta do consumo se dá de forma relativamente rápida. Em 2017, o varejo de vestuário foi o segmento mais positivamente impactado por medidas de estímulo ao consumo dessa natureza.

Naquele ano foram liberados saques de contas inativas que totalizaram aproximadamente R\$ 44 bilhões. Desse total, R\$ 12,2 bilhões chegaram ao varejo e, em especial, ao comércio de vestuário, calçados e acessórios, que concentrou 38% (ou R\$ 4,1 bilhões) desses recursos. Esse aumento pontual no potencial de consumo provocou um impulso adicional equivalente a 9% do total disponível disponibilizado pelo programa de saques de 2017.

Para 2019, a expectativa é de que o montante de recursos totalize R\$ 30 bilhões (R\$ 28 bilhões do FGTS e R\$ 2 bilhões do PIS/Pasep) entre setembro e dezembro deste ano. Do total desses recursos, a CNC estima que aproximadamente R\$ 3,3 bilhões, ou 11% do total disponível, sejam gastos no segmento de vestuário.

A razão para um efeito relativamente maior, decorrente dos programas de saques de 2019, advém do menor grau atual de comprometimento da renda das famílias com dívidas do que há dois anos. Segundo dados do Banco Central, às vésperas do início do calendário de saques, 20,2% do rendimento médio das famílias está comprometido com dívidas – percentual menor do que os 21,6% registrados em fevereiro de 2017.

**QUADRO IV**  
**Comprometimento de Renda das Famílias com o Serviço da Dívida Junto ao Sistema**  
**Financeiro Nacional**  
 (%)



*Fonte: Banco Central*

Guardadas as naturais limitações desses programas quanto à sustentabilidade do estímulo ao consumo, a perspectiva de dias melhores para o varejo de vestuário se reflete na valorização das ações de empresas do segmento. Desde meados de julho, sete das nove ações ordinárias do setor apresentaram valorizações maiores que o Ibovespa.

Ademais, a expectativa dos varejistas quanto ao desempenho do setor, que registrava queda desde o último mês de maio, voltou a crescer em agosto, segundo pesquisa mensal realizada pela CNC. Em agosto, 83,7% dos empresários consultados nesse segmento relataram expectativas positivas quanto ao aumento do nível de atividade desse segmento nos próximos meses.